

---

## GRUPOS DE DISCUSSÃO COM JOVENS DA AMAZÔNIA TOCANTINA SOBRE UMA BOA ESCOLA IBERO-AMERICANA

---

### DISCUSSION GROUPS WITH YOUNG PEOPLE FROM THE AMAZON, TOCANTINA, ABOUT A GOOD IBERO-AMERICAN SCHOOL

---

### GRUPOS DE DISCUSIÓN CON JÓVENES DE LA AMAZONIA, TOCANTINA, SOBRE UNA BUENA ESCUELA IBEROAMERICANA

---

Marcos Irondes Coelho de Oliveira<sup>1</sup>  
José Damião Trindade Rocha<sup>2</sup>

#### RESUMO

O trabalho resulta da pesquisa de Tese vinculada à perspectiva da etnopesquisa-ação e etnopesquisa-formação de base fenomenológica, com método de análise de “conteúdo fixadores de experiências”, com aportes de “grupos de discussão” com 17 jovens, para apreender o “sentido de escola” na análise hermenêutica interpretacionista intercriticamente implicada. Para nós, da/na Amazônia tocantina, a educação de jovens é uma questão importante que no doutoramento buscamos tensionar os problemas educacionais regionais. Nossa problemática perpassa pelo sentido da “boa escola” para os jovens das escolas públicas da/na região amazônica tocantina. A partir da pesquisa com os jovens, construímos as “noções subsunçoras” para a elaboração da Tese a escola pública do “bem viver” para jovens. Nossa imersão possibilitou ouvir jovens das escolas públicas da/na localizadas nas cidades de Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA e Marabá/PA, para responderem à questão norteadora “o que é a escola, para você?”. A partir da análise dos etnotextos, identificamos as similitudes, criamos a nuvem de palavras, as unidades de significados para a construção das 3 noções subsunçoras da Tese (1. Escola lugar de ser/estar jovem; 2. Escola formação para/com/de jovens; 3. Escola interrelação de jovens. A Tese reflete a “boa escola” como aquela em que jovens possuem oportunidade de apreender e acessar conhecimentos de qualidade referenciados culturalmente. Uma boa escola como ambiência de aprendizado, conhecimento e relação com o mundo. Uma escola formativa e de preparação para a vida, na qual os jovens interagem, dialogam, se encontram e constroem amizades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens. Escola pública. Grupos de discussão. Pesquisa em educação.

#### ABSTRACT

The work is the result of a Thesis research linked to the perspective of ethno-research-action and ethno-research-training based on phenomenology, with a method of analysis of “content that fixes experiences”, with

---

**Submetido em:** 02/05/2025 – **Aceito em:** 11/07/2025 – **Publicado em:** 01/08/2025

<sup>1</sup> Doutor em Educação na Amazônia pela UFT (Rede EDUCANORTE). Mestrado em Educação pela UFT (2018). Graduação em Pedagogia pela UNITINS (2001).

<sup>2</sup> PósDoc. UEPA, Doutor UFBA, Mestre UFG. Docente do PPPGE UFT Líder do grupo de pesquisa Gepce/minorias.



contributions from “discussion groups” with 17 young people, to understand the “meaning of school” in the intercritically implied hermeneutic interpretationist analysis. For us, from/in the Amazon region of Tocantins, the education of young people is an important issue that in the doctorate we seek to tension the regional educational problems. Our problem permeates the meaning of the “good school” for young people in public schools in/in the Amazon region of Tocantins. Based on the research with young people, we constructed the “subsuming notions” for the elaboration of the Thesis: the public school of “good living” for young people. Our immersion allowed us to listen to young people from public schools in the cities of Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA and Marabá/PA, to answer the guiding question “what is school for you?”. Based on the analysis of the ethnotexts, we identified similarities, created the word cloud, and the units of meaning for the construction of the three subsuming notions of the Thesis (1. School as a place to be/be young; 2. School as a training for/with/of young people; 3. School as an interrelationship of young people). The Thesis reflects the “good school” as one in which young people have the opportunity to learn and access quality knowledge that is culturally referenced. A good school as an environment for learning, knowledge, and relationships with the world. A formative school that prepares them for life, in which young people interact, dialogue, meet and build friendships.

**KEYWORDS:** Young people. Public school. Discussion groups. Research in education.

#### RESUMEN

El trabajo resulta de la investigación de Tesis vinculada a la perspectiva de la etnoinvestigación-acción y la etnoinvestigación-formación con base fenomenológica, con un método de análisis de “contenidos que fijan experiencias”, con aportes de “grupos de discusión” con 17 jóvenes, para captar el “sentido de la escuela” en el análisis hermenéutico interpretativo implicado intercríticamente. Para nosotros, de/en la Amazonía de Tocantins, la educación de los jóvenes es un tema importante que en nuestro doctorado buscamos abordar en función de los problemas educativos regionales. Nuestro problema gira en torno del significado de una “buena escuela” para los jóvenes de las escuelas públicas de/en la región amazónica de Tocantins. A partir de una investigación con jóvenes, construimos las “nociones subsumidoras” para la elaboración de la Tesis: la escuela pública del “buen vivir” para jóvenes. Nuestra inmersión permitió escuchar a jóvenes de escuelas públicas ubicadas en las ciudades de Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA y Marabá/PA, para responder a la pregunta orientadora “¿qué es la escuela para ti?”. A partir del análisis de los etnotextos, identificamos las semejanzas, creamos la nube de palabras, las unidades de significado para la construcción de las 3 nociones subsumidoras de la Tesis (1. Escuela como lugar de ser/ser joven; 2. Escuela como formación para/con/de jóvenes; 3. Escuela como interrelación de jóvenes). La Tesis refleja la “buena escuela” como aquella en la que los jóvenes tienen la oportunidad de aprender y acceder a conocimientos de calidad y culturalmente referenciados. Una buena escuela como ambiente de aprendizaje, conocimiento y relación con el mundo. Una escuela formativa y de preparación para la vida, en la que los jóvenes interactúan, dialogan, se conocen y construyen amistades.

**PALABRAS CLAVE:** Jóvenes. Escuela pública. Grupos de discusión. Investigación en educación.

#### ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DO CONTEXTO PESQUISADO

A região Tocantina nosso *locus* de pesquisa é considerado o berço das águas, e o cerrado passando a ser, também, o bioma das águas brasileiras, ao abrigar importantes nascentes, destacando-se a Tocantins-Araguaia e as bacias do São Francisco, Paraná e Paraguai.

Ao tratarmos do contexto de nossa pesquisa damos visibilidade do nível de importância e complexidade dos problemas educacionais na Região Norte do Brasil. Região está composta por 7 estados brasileiros: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, e considerada a maior em extensão territorial, concentrando, também, a maior biodiversidade do país com seus povos e sua floresta Amazônica. Destacando a colonização portuguesa, as ocupações humanas se concentravam nas faixas litorâneas, que após a ocupação pelos colonizadores passou a ser ocupada na foz do Rio Amazonas, dando origem à cidade de Belém, capital do Estado do Pará. A imigração da Região Norte contribuiu para a sua diversidade cultural.

Para nós, nesta pesquisa, a Região Tocantina é constituída pelas populações às margens direita e esquerda do Rio Tocantins. Nossa pesquisa de campo e das águas se delimita, portanto, nessa região, especificamente com as escolas públicas tocantinenses, maranhenses e paraenses, das cidades de Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA e Marabá/PA, todas localizadas às margens do Rio Tocantins.

Para entender os problemas educacionais regionais no contexto amazônico, buscamos reconstruir, também, alguns aspectos das “ideias pedagógicas”, ou melhor dizendo da “História das Ideias Pedagógicas”, que não se limitam a uma historiografia da Filosofia Antiga à Filosofia Contemporânea. Por isso, “por ser *radical*, essa reflexão é também *rigorosa* e atinge principalmente as *finalidades da educação*”. Isto é, pensamos que o sentido da Teoria da Educação é fazer reflexão filosófica do “fenômeno educacional” (Gadotti, 2002, p. 15).

Quando quisemos tratar da Amazônia Tocantina, no contexto da educação ibero-americana, é na tentativa de nos aproximarmos e assumirmo-nos como amazônidas e latino-americanos e apreender o “pensamento latino-americano” como fundante dos problemas educacionais da região Norte do Brasil. O pensamento latino-americano é aquele que tem sua gênese na “circunstância latino-americana” (Cabrera; Alves, 2013).

Ao se tratar do sistema educacional latino-americano, os quatro aspectos mais importantes para José Martí, na passagem do século XIX para o XX, era que a educação deveria ser primeiro “leiga, não religiosa”; segundo “científica e técnica”; terceira “preparação para a vida” e; quarto “a educação deveria ter um conteúdo nacional” (Gadotti, 2002, p. 203).

Entender a educação nas diversas acepções de Amazônias, também, nos é desafiador. A obra e a paixão intelectual do manauara Samuel Isaac Benchimol pela Amazônia nos parece ser providencial, considerando seus 32 livros e 70 artigos sobre a região, tratando desde economia, passando por sociologia, antropologia, geografia, história à ecologia, da década de 1970 até 2002, com destaque para a obra *Amazônia: formação social e cultural*.

Se tomarmos por base o movimento da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), para a comemoração do bicentenário de suas independências, veremos que as metas educativas para a geração dos bicentenários para a educação, ciência e cultura, visam o desenvolvimento integral e sustentável. Um movimento que buscou estabelecer os objetivos que a educação ibero-americana deveria alcançar até 2021.

Uma “boa escola” latino-americana se constitui na ambiência livre de discriminados e discriminadores. Uma “boa escola” como “lugar” de acesso e permanência com êxito. Uma “boa escola” que melhora constantemente seu projeto curricular. Pensa-la como instituição aprendente.

En definitiva una “buena escuela” es una organización que aprende, que se caracteriza por:

- la capacidad de mirarse en el mediano plazo, la capacidad de aprender (de su experiencia, de sus errores, de otros),
- la capacidad de lograr una gestión participativa,
- la capacidad de evaluarse en forma permanente (OEI, s/d, p. 2).

Pesquisar uma boa escola aprendente é, antes de tudo, uma atitude científica diante da escola. Como diria Chauí (2009, p. 218), a atitude científica difere do senso comum, pois o conhecimento científico “*desconfia* da veracidade de nossas certezas, de nossa adesão

imediatas às coisas, da ausência de crítica e da falta de curiosidade”. Neste sentido “o método fenomenológico” caracteriza-se por ser: significativo, pertinente, relevante, referente, provocante, suficiente, compreensivo, simbólico (Rezende, 1990).

Nossa implicação na pesquisa foi buscar aproximação nessas narrativas contestadoras para chegarmos ao pensamento amazônico ao tratarmos do tema *Escola pública contemporânea na Região Tocantina* com jovens.

## O MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE PESQUISA IMPLICADA

Os fenomenólogos compartilham da ideia de que “a consciência é sempre consciência de alguma coisa, não deve haver, portanto, sujeito sem mundo, nem deverá haver mundo sem sujeito” (Macedo, 2004, p. 45). Tendo por base este pressuposto que Rocha e Maia (2017, p. 221, grifo meu), mencionam que “na área de educação quando tratamos da abordagem qualitativa entendemos aquelas práticas de pesquisas que fazem referência mais a seus *fundamentos epistemológicos* do que propriamente a *especificidades metodológicas*”.

Apreender fenômenos tem sido nosso desafio no nosso grupo de pesquisa e neste trabalho. Os fenomenólogos problematizam a pesquisa qualitativa em educação, lançando seus olhares fenomênicos sobre a pesquisa em educação na perspectiva *fenomenológica*, de base *etnometodológica*: uma *etnopesquisa crítica implicada* buscando compreender os limites e possibilidades do fenômeno educativo.

Na nossa pesquisa com jovens ao indagarmos-lhes “O que é a escola para você?” é a pergunta que se constitui como *percepção sensibilizadora* da nossa investigação. E, na análise fenomenológica dos dados, essa pergunta ampla ou geral quer apreender o sentido que o fenômeno “escola” tem na experiência vivida dos jovens no contexto da Amazônia Tocantina.

Dito isso, o autor supracitado afirma que a fenomenologia se opõe ao positivismo, sem, entretanto, rejeitar a “intenção de rigor” com que o positivismo interpela a realidade.

Portanto, neste ponto a fenomenologia torna-se uma “prática científica e rigorosa de conhecer a realidade” (Macedo, 2004, p. 47). Como viemos afirmando nosso trabalho se constitui na abordagem qualitativa, pois compreendemos “que esta abordagem é a que melhor retrata o fenômeno educacional ou a educação como fenômeno” (Rocha; Maia, 2017, p. 221).

### **A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE PESQUISA**

Para Oliveira (2001, p. 22) “o método existe para ajudar a construir uma representação adequada das questões a serem estudadas”, portanto, o estudo do método em Ciências Humanas precisa “ser cuidadoso e zelar para que homens concretos, sujeitos e objetos de suas indagações, não fossem mutilados ou, então, não se tornassem objetos mortos nas mãos dos cientistas dispostos a fazer da ciência outro poderoso instrumento de dominação” (Oliveira, 2001, p. 22).

Em se tratando de método a pesquisa fenomenológica perpassa por dois momentos: a *redução fenomenológica* e a *redução eidética*. A *redução fenomenológica* é a restrição do conhecimento ao fenômeno da experiência da consciência, o que em grego se diz *epoché* que significa colocar entre parênteses. Já a *redução eidética* no sentido de ideia ou essência consiste na redução do objeto da percepção à ideia, no processo de intuir as essências.

Podemos pensar em várias etapas e várias características do método fenomenológico: a) reduzir as experiências individuais; b) identificar um fenômeno; c) explorar o fenômeno; d) realizar a *epoché*; e) coletar dados dos sujeitos que experienciam o fenômeno; f) desenvolver uma descrição da essência da experiência; g) analisar os dados das unidades delimitadas da análise passando por unidades amplas; h) finalizar com uma descrição discutindo a essência das experiências dos sujeitos.

A *descrição densa* destaca vozes/falas/discursos, declarações significativas, frases ou citações no sentido de compreensão de como jovens experimentam o fenômeno “escola”.

Esse é o passo da *horizontalização* para que o pesquisador desenvolva *grupos de significado* para as *declarações significativas* que tornar-se-ão as categorias de pesquisa, neste caso, as *noções subsunçoras*.

As *declarações significativas* é que serão temas utilizados para construir a *descrição densa* (descrição textual) que os jovens experimentaram com o fenômeno. A partir da *descrição textual e estrutural* o pesquisador escreve a *descrição composta* apresentando a essência do fenômeno pesquisado que, também, pode ser chamada de *estrutura essencial invariante* ou *essência fenomênica*.

#### **GRUPOS DE DISCUSSÃO COM JOVENS**

Nosso trabalho se quer vincular à perspectiva de pesquisa da etnopesquisa-ação e etnopesquisa-formação de base fenomenológica, com método de análise de “conteúdo fixadores de experiências” (Macedo, 2004; 2010); (Rocha, 2022), com aportes de “grupos de discussão” (Weller, 2006) com 17 jovens, para apreender o “sentido de escola” na análise hermenêutica interpretacionista intercriticamente implicada.

A pesquisa traz o fenômeno da escola pública para jovens dessa região, que possui municípios às margens do Rio Tocantins, importante fonte de abastecimento de água da população local, com destaque para a pesca de subsistência, com potencial navegável, fonte de água para lavouras agrícolas, de influências culturais, sociais, educacionais e econômicas de ser/estar ribeirinho.

Nossa pesquisa de campo se delimita, portanto, nessa Região Tocantina, especificamente com as escolas públicas tocantinenses, maranhenses e paraenses, nas cidades de Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA e Marabá/PA.

Weller (2006, p. 246) escreve que “os grupos de discussão, como método de pesquisa, passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre

juventude”. Para a autora, é no grupo, principalmente, que a/o jovem trabalhará as experiências de vida no meio social, as experiências de desintegração, exclusão social e inseguranças, entre outras.

Os grupos de discussões têm contribuído para na análise dos fenômenos típicos da juventude, inclusive permitindo a elaboração de diferentes tipologias, conforme descrito por Weller (2006, p. 246, grifos da autora):

- de desenvolvimento (Entwicklungstypik) – voltada para a análise das mudanças biográficas relacionadas às experiências adquiridas na fase de transição entre a adolescência e a vida adulta;
- geracional (Generationstypik) – das características comuns de um mesmo grupo etário, muitas vezes, em contraposição às gerações mais velhas;
- do meio social (Milieu-oder sozialräumlichetypik) – das relações entre origem social e orientação biográfico-profissional;
- de formação educacional (Bildungstypik) – relacionada às diferenças entre os tipos de escola (por exemplo: entre alunos da Hauptschule, Realschule ou Gymnasium, ou de escolas públicas x escolas particulares);
- de gênero (Geschlechtstypik) – voltada, por exemplo, para a análise das diferenças biográficas e das escolhas profissionais de jovens de ambos os sexos (Bohnsack, 1989).

Nesse contexto, compreendemos, assim como Weller (2006, p. 246), que “os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos”, na medida em que esses sujeitos se constituem como grupos reais, representantes de estruturas sociais, de gênero, classe, étnicas, geracionais, entre outras.

Aprendemos com Weller (2006, p. 247) que:

Os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros.

Diante disso, utilizamos o grupo de discussão motivados por duas questões centrais: a primeira pela experiência de que as/os jovens têm dificuldades em escrever textos mais

longos e complexos; e a segunda por dialogar com muita proximidade com a interpretação fenomenológica.

A criação dos grupos de discussão se deu a partir do contato do pesquisador com três professores (duas do sexo feminino e um do sexo masculino) que trabalham em escolas públicas, localizadas nas três cidades pesquisadas: Imperatriz/MA, Marabá/PA e Tocantinópolis/TO. Os professores foram escolhidos por trabalharem com jovens que, a partir do aceite voluntário, colaboraram para formação dos 3 grupos de discussão: sendo 1 grupo de jovens de Imperatriz/MA, com 6 participantes; 1 grupo de jovens de Marabá/PA; com 5 participantes; e 1 grupo de jovens de Tocantinópolis/TO, com 6 participantes.

O critério de inclusão/exclusão dos participantes dos grupos de discussão se deu a partir dos seguintes quesitos: a) ter faixa etária entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, conforme Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852/2013 (Brasil, 2013, Art. 1º, § 1º); b) ser domiciliado em uma das três cidades da região da Amazônia Tocantina; c) ter concordado em participar da pesquisa e assinado o Termo de Livre Esclarecimento.

A partir da indicação dos professores colaboradores voluntários da pesquisa, foram selecionados 17 jovens. Antes de iniciar os grupos de discussão, fizemos uma experiência-piloto com 4 jovens, com características em comum, por serem estudantes do curso de Pedagogia na UFT, Campus Palmas, e por possuírem a mesma média de idade, sendo equitativamente distribuídos entre o sexo masculino e feminino.

As primeiras análises dos dados coletados revelaram características importantes do nosso grupo de estudo. Constatamos que 53% dos participantes são mulheres e 47% são homens. No que diz respeito à ocupação, 11,7% dos jovens entrevistados conseguem conciliar estudo e trabalho. Outro dado é que, entre os jovens que estão sem trabalho, a maioria é feminina (55%), e essas são, em grande parte, mulheres pretas e pardas.

Durante os grupos de discussão, a percepção dos jovens sobre a relação entre educação e o "mundo do trabalho" emergiu com clareza. Para eles, a educação é vista como fundamental para garantir um futuro promissor e, inclusive, como a principal ferramenta para combater o desemprego. Há uma forte crença de que, através do conhecimento escolar, eles terão condições de se desenvolver pessoal e profissionalmente, "ser alguém" e alcançar um bom emprego. Vale ressaltar que, embora essa crença seja central, a complexidade do conceito de empregabilidade contemporânea não foi o ponto prioritário da nossa análise.

Reunimos os participantes em quatro encontros diferentes para experienciar a troca de opiniões, perguntando a eles o que é a escola para você? O modelo de discussão aberta foi mediado pelo pesquisador, que também contribuiu para organizar e estimular a discussão, a partir dos objetivos da pesquisa.

Realizamos quatro encontros, no período de março a junho de 2024, com duração entre uma hora e meia e duas horas, com cada um dos três grupos de discussão. Nos encontros buscamos, em uma abordagem fenomenológica, compreender as experiências vivenciadas e compartilhadas por esses jovens, com os outros, na medida em que os ouvirmos e conhecermos suas percepções e opiniões.

O grupo de discussão "é uma prática qualitativa de análise social que possibilita ao pesquisador compreensão do sujeito a partir de discursos produzidos coletivamente na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismo ou latentes" (Meinerz, 2011, p. 485). Nesse sentido, quisemos nos colocar em uma prática de escuta que perpassa os aspectos teórico e metodológico, alcançando a prática política, afetiva e ética do pesquisador.

#### **PRIMEIRA NOÇÃO SUBSUNÇORA: ESCOLA LUGAR DE SER/ESTAR JOVEM**

O que é a escola para você? Essa é a nossa questão central, a pergunta que nos faz dialogar sobre uma escola pública para os jovens maranhenses, paraenses e tocantinenses da/na

Amazônia Tocantina. Ainda que estudos, como de Dayrell (2007, p. 1106), nos apontem que, para os jovens, “a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma ‘obrigação’ necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas”.

Os jovens maranhenses, paraenses e tocantinenses, com quem interagimos nos grupos de discussão, nos disseram que a escola é “lugar”: *lugar de aprendizado, conhecimento, formação; lugar que prepara para o mundo; lugar que melhora as condições financeiras; lugar de fazer amizades; lugar de transforma a realidade; lugar de viver em sociedade.*

Os jovens descrevem a escola como o lugar de *ensinar e aprender*, a sala de aula a pode ser entendida como o lugar principal para isso, e o que se apreende é que nas aulas a preocupação volta-se para o desenvolvimento de competências e habilidades, relacionadas aos estudos específicos das áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas. Vê-se aí o professor assumindo o papel de *ensinador*, e o aluno o de *aprendiz*. A relação entre eles se estabelece pelo conteúdo a ser ensinado.

Aprendemos com esses autores que essas novas formas de espaços dissolvem as relações sociais, uma vez que neles não há diálogo, todos fazem parte do espetáculo, da representação. Mas Silva e Silva (2012, p. 351) ressaltam que, “apesar da negatividade da noção de não lugar e da positividade do lugar, ambas são noções limites. Há lugares em todos os lugares e em todos os não lugares, os lugares podem recompor”.

## **SEGUNDA NOÇÃO SUBSUNÇORA: ESCOLA FORMAÇÃO PARA/COM/DE JOVENS**

Ao pensarmos o processo formador na contemporaneidade, partimos da reflexão sobre a *formação* e o *formar* (Furtado; Gallo, 2020). A referência conceitual dos termos nos parece imprescindível para que compreendamos suas bases fundantes.

Formar, de onde deriva a noção de *forma*, está também relacionada com a beleza, pois o termo latino *formusus* tem o sentido original de aquilo que foi feito com um molde, tomando-se, portanto, bem-feito, bem formado (Castello; Mársico, 2007). Nesse contexto, compreendemos que o sentido de formação está articulado com a noção filosófica do bom e do belo, tudo aquilo ou aquele que se forma é expressão do belo e do bom.

O formar é compreendido como processo, e a formação como ação ou finalidade de um fazer pedagógico já instituído, intrínseco à condição humana e ao próprio conceito de cultura (Furtado; Gallo, 2020). O fazer pedagógico evocado de uma prática educativa é processo pedagógico vivenciado na dinâmica da transmissão, o conhecimento resultante da reiteração de experiências das gerações anteriores.

### **TERCEIRA NOÇÃO SUBSUNÇORA: ESCOLA INTER-RELAÇÃO DE JOVENS**

O conceito de inter-relação na filosofia moderna representa o reconhecimento do eu na experiência: “relação que se relaciona consigo mesmo” (Abbagnano, 2007, p. 390). A partir desse pressuposto, a pessoa é síntese de infinito e finito, de liberdade e necessidade, em síntese é inter-relação. E esse relacionar-se consigo mesmo implica relacionamento com outro, com o mundo e com a humanidade.

A inter-relação que os jovens estabelecem com outros jovens envolve *diálogo*, *encontro* e *responsabilidade*, essas subjetividades dizem sobre eles mesmos e sobre a escola. Parece-nos ser este o desafio: promover *diálogo*, que “implica um pensar crítico” (Freire, 1987, p. 83). Essa descrição também é realizada em Reis (2012, p. 640), na sua experiência escolar de jovens/alunos em uma escola pública, dizendo a nós que “o diálogo pressupõe a interação entre sujeitos em um espaço compartilhado no qual cada um expresse seus pontos de vista, reconheça a existência de outras perspectivas de análise para os mesmos assuntos e tenha predisposição para refletir sobre o que o outro pensa”.

Com relação ao *encontro* dos jovens com outros jovens e com a escola, entendemos como um comportamento intersubjetivo, muito próprio dessa fase da vida. Os encontros vividos na escola com os outros jovens ou com os professores são marcantes nas suas perspectivas de futuro.

Na nossa interação com os jovens participantes da pesquisa, bem como nos etnotextos, vimos a escola compreendida como um espaço em que os jovens podem se *relacionar com a sociedade e serem capazes de formar opiniões próprias*. Que a escola é lugar *para viver em sociedade, além de ser um lugar para socializar e fazer amizades*. Ou ainda que *é na escola que as questões sociais se afluam*, incentivando-os à elaboração do *pensamento crítico*, o que na premissa kantiana o ser humano é a única criação que precisa ser educada, o equivalente à máxima “nascer é estar submetido à obrigação de aprender” (Charlot, 2000, p. 51).

A escola é inter-relação, é lugar de *encontro*, de conversar com os amigos, isso faz dela um ponto de sociabilidade em que as relações afetivas são oportunizadas. Portanto, “assumir o encontro como dimensão da escola significa perceber a diversidade de seu contexto educativo, focando-a como espaço sociocultural” (Sousa, 2020, p. 109).

Os jovens veem a escola como lugar de fazer amizades, as quais são cultivadas de maneira diferente daquelas da rua. As “amizades da rua”, dependendo do “tipo”, oferecem mais riscos, uma vez que as escolas geralmente são vistas como um espaço seguro, com isso, “o menor risco, a assiduidade dos contatos e uma possível afetividade das relações conferem à escola um papel fundamental na formação identitária dos jovens” (Sousa, 2020, p. 109).

Compreender a identidade dos jovens maranhenses, paraenses e tocantinenses, da Amazônia Tocantina, implica conhecê-los, saber seus valores e quais os sentidos que querem seguir em suas vidas. Para entendermos suas identidades, precisamos saber quais as concepções que eles têm de si mesmos, constituídas de suas crenças, seus valores e de objetivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma boa escola é uma escola democrática. Uma boa escola é uma escola com partido pelo sentido civilizacional de humanidade. Uma boa escola é uma comunidade onde todos têm lugar, uma ambiência de compartilhamento de valores e princípios coletivos. Uma boa escola de formação integral e não apenas de tempo integral, com corpos docentes, discentes e com trabalhadores da educação, comprometidos com a práxis emancipatória, sempre atenta à convivência da/com as identidades plurais, culturais.

Uma ideia, um pensamento para um pensar como pensam os povos originários sobreviventes, (re)existentes nas diversas amazônias, mesmo diante dos massacres históricos e da devastação ambiental capitalista atual, que destrói não só a sociedade ambiental, mas a vida humana, assim como a dos outros animais, é o que nos move nesta Tese.

A ênfase latino-americana do Bem Viver está redesenhando um aporte original no debate sobre o social, o ambiental, o educacional, o cultural e o político na atualidade. O Brasil, desde o Fórum Social Mundial, de Belém, em 2009, vem aspirando outra cosmovisão: uma sociedade amazônica social e ambientalmente sustentável, orientada pela cosmovisão do Bem Viver.

O Bem Viver avança no conceito técnico de desenvolvimento para as amazônias, ao nos oportunizar a retomada da reconstrução de outro tipo civilizacional de sociedade amazônica, sustentada na convivência equilibrada de nós com nós mesmos e a nossa outra dimensão: a natureza.

No Brasil, no meio acadêmico, cada vez mais se avolumam as produções sistematizando sentidos atribuídos ao Bem Viver, seja nos estudos com povos indígenas brasileiros ou como crítica à modernidade tardia no debate decolonial (Cunha; Sousa, 2023). “Então vamos pensar a educação como foi pensada até agora, ela precisa ir além para poder ajudar

a criar e construir seres humanos para uma Terra viva. Seres vivos para uma terra viva” (Krenak 2020, p. 20), para uma escola viva do Bem Viver, para jovens vivos na Amazônia Tocantina.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm). Acesso em 5 jul. 2024.

CABRERA, Julio; ALVES, Rafael. **Cartilha de Filósofos da América Latina: Pensamento desde América Latina e filósofos latino-americanos**. 1. ed. Brasília, DF: FIBRAL, 2013.

CASTELLO, Luis A.; MÁRSICO, Claudia T. **Oculto nas palavras**. Dicionário etimológico para ensinar e aprender. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo, SP: Ática, 2009.

CUNHA, Eduardo V.; SOUSA, Washington J. de. O bem viver no Brasil: uma análise da produção acadêmica nacional. In: **R. Katál**, Florianópolis, v.26, n. 2, p. 321-332, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TBscbCdnTy6rjhbGqgfPfDB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 5 jul. 2024.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, SP: vol. 28, n. 100 - especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 5 jul. 2020.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães; GALLO, Sílvio. Sobre a formação e o formar: desafios contemporâneos à universidade. In: **O pensar filosófico, a cultura e a formação humana: homenagem a Ildeu Moreira Coêlho**. Campina, SP: Mercado das Letras, p. 309-324, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: editora ática, 2002.

KRENAK, Ailton. De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu. In: COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael. (Orgs.) **Cartas para o bem viver**. 1. ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café. 2020

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MEINERZ, Carla. Beatriz. Grupo de discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.36,n.2, maio/ago. 2011, p. 485-504. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 17 dez. 2022.

OEI. **A educação que queremos para a geração dos Bicentenários: metas educativas 2021**. Tradução de Lélia Almeida e Claudia B. Soares Pereira Pinto. Madrid, Espanha: OEI, 2008. Disponível em: <<https://portaldelasescuelas.org>> Acesso em: 15 de agosto 2022.

OEI. **Mejorar la escuela ¿Qué es una buena escuela?** p. 1-7, [s/d]. Disponível em: <<https://portaldelasescuelas.org>> Acesso em: 15 de agosto 2022.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos da construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles. (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. 2. ed. São Paulo/SP: Hucitec/UNESP, p. 17-26, 2001.

REIS, Rosimeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/NfHmcJsWShXHqqtYTWq8H7R/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 mar. 2024.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica de educação**. Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 38, São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

ROCHA, Damião; MAIA, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. - **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar**. 1, v. I, n. 1, jul./dez, p. 220-237, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/rech/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Jovens, escola e cultura midiática: construções metodológicas para a educação**. [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: EdUEMG, 2020.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa da; SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa da. A escola na condição de não lugar. **Revista Eletrônica PESQUISEDUCA**. Santos, v. 04, n. 08, p.340-362, jul./dez. 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/marco/Downloads/unisantos\\_seer,+Artigo+07.pdf](file:///C:/Users/marco/Downloads/unisantos_seer,+Artigo+07.pdf). Acesso em: 15 ago. 2021.



WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/7c6QvcWJc6pX6xwgxYVLFKv/>. Acesso em: 15 ago. 2021.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.